

# signos geográficos

Boletim NEPEG de Ensino de Geografia

ISSN: 2675-1526

[www.revistas.ufg.br/signos](http://www.revistas.ufg.br/signos)

## LIVROS PARA PROFESSORES DE GEOGRAFIA<sup>1</sup>: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

BOOKS FOR GEOGRAPHY TEACHERS: SOME NOTES ON THE ESTABLISHMENT  
OF SCHOOLED GEOGRAPHY

LIBROS PARA MAESTROS DE GEOGRAFÍA: ALGUNAS NOTAS SOBRE LA  
CONSTITUCIÓN DE LA GEOGRAFÍA ESCOLAR

Janete Regina de Oliveira  
Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil  
janete.oliveira@ufv.br

Vivian Batista da Silva  
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil  
vivianbs@yahoo.com

---

**Resumo:** Refletir sobre o papel dos livros de ensino na formação docente em Geografia é o cerne da presente discussão, que surge da compreensão da importância destes como difusores de modos de ensinar, para além da prescrição curricular, são portadores de uma epistemologia da Geografia escolar consolidada, principalmente, a partir da década de 1990, no Brasil. O período coincide com a ampliação das linhas de pesquisa em programas de pós-graduação em Geografia (CAVALCANTI, 2016). As obras identificadas nas instituições de ensino federais, que abrigam cursos de Licenciatura em Geografia, são reconhecidas em seu discurso ao serem adotadas como bibliografia. Desse modo, é possível identificar os polos de difusão dessas ideias, a partir da ocorrência em mais de 15 instituições pelo território nacional.

**Palavras-chave:** livros de ensino, Geografia escolar, formação de professores.

---

<sup>1</sup> O texto aqui apresentado possui reflexões ampliadas originalmente presentes na tese de doutorado desenvolvida na Universidade de São Paulo, entre os anos de 2014 e 2018, “A ordem do bem ensinar: livros de ensino para professores de Geografia em formação” sob a orientação da professora Vivian Batista da Silva, presente como co-autora desse artigo.

**Abstract:** Reflecting on the role of textbooks in the basic training in Geography is the heart of this discussion, which arises from understanding the importance of such textbooks as disseminators of ways of teaching, beyond the curricular prescription, are holders of a consolidated epistemology of schooled Geography, mainly from 1990's on in Brazil. The period corresponds to the expansion of the research lines in graduate programs in Geography (CAVALCANTI, 2016). The works identified in the federal educational institutions, which provide Teaching Degree courses in Geography, are acknowledged in their discourse when they are included in the bibliography. Thus, it is possible to identify the hubs which disseminate these ideas based on the fact they have occurred in over 15 institutions found nationwide.

**Keywords:** textbooks, schooled geography, teacher education/training.

---

**Resumen:** Reflexionar sobre el papel dos libros de texto en la formación docente en Geografía es el centro de la presente discusión, que surge desde la comprensión de la importancia de estos libros como difusores de modos de enseñar, más allá de la prescripción curricular, son portadores de una epistemología de la Geografía escolar consolidada, principalmente, desde la década de 1990, en el Brasil. El período coincide con la ampliación de las líneas de investigación em programas de posgrado en Geografía (CAVALCANTI, 2016). Las obras identificadas en las instituciones federales de enseñanza, las que cuentan con cursos de Graduación en Geografía, son reconocidas en su discurso cuando son incluidas en la bibliografía. De este modo, es posible identificar los polos de difusión de estas ideas, ya que han ocurrido en más de 15 instituciones en el territorio nacional.

**Palabras-clave:** libros de texto, geografía escolar, formación de maestros.

---

## Introdução

As indagações, as perguntas, as inquietações são o que movem a pesquisa. Na última década, temos ouvido de forma insistente o termo campo, quando se referencia à Geografia Escolar. As afirmações ocorrem de uma forma quase natural, como se isso fosse sempre assim. No início de 2014, ao iniciar o doutoramento, Oliveira (2018) fez uma análise dos currículos dos professores que ministravam as disciplinas de ensino para os cursos de licenciatura em Geografia. Nessa análise, constatou-se que grande parte desses profissionais possuíam pesquisas e publicações em outras áreas, que não a do ensino. Outra questão observada foi a identificação de professores atuantes nos cursos de Geografia, que assumiam coordenações de programas institucionais de iniciação à docência, a exemplo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com outras áreas de pesquisa. Isso foi observado tanto na Universidade Federal de Viçosa, como em outras, a partir de relatos de vários colegas de área. Daí surgiu uma inquietação: afinal, podemos afirmar que existe

mesmo um campo ou subcampo definido, que abarca a Geografia Escolar? Se existe, como então explicar a presença de coordenadores de programas de ensino em meio estranho ao seu foco de pesquisa e atuação acadêmica/científica?

Ao considerar as características do campo, Bourdieu nos informa que “uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de refratar, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou as demandas externas” (BOURDIEU, 2004b, p.22). Essa é a pergunta guia que conduz à reflexão neste texto. A fim de buscar respostas a esses questionamentos, partimos da concepção de campo de Bourdieu, compreendida como uma área que agrega um conjunto de conhecimentos salvaguardados em confronto com outros, considerados limítrofes. Tal salvaguarda é realizada por um grupo de intelectuais, reconhecidos pelos seus pares como seus representantes. Neste caso, os livros de ensino traduzem esse discurso autorizado proferido por autores que portam um capital simbólico e se dirigem aos professores de Geografia em formação.

Pensar sobre a formação de professores implica, necessariamente, em tentar compreender o que está presente no perfil esperado de um profissional específico, suas atribuições e seus limites como seres subjetivos, políticos e sociais. Vários embates teóricos têm sido feitos considerando a profissionalidade e a relação desta com a formação. Observa-se que o perfil profissional desejado tem mudado ao longo do tempo, isso porque trata-se de um processo social e a escola, como parte da sociedade, está diretamente imbrincada nessa mudança. Pretende-se, portanto, conversar sobre a formação do campo de pesquisa numa Geografia escolar, que se firma ao longo do tempo, a partir do referencial teórico de campo proposto por Bourdieu.

No campo científico, as disciplinas possuem diferentes graus de autonomia e essa relação aparece no embate entre as pressões externas ao campo e as resistências deflagradas, pois:

campo é o lugar de constituição de uma forma específica de capital [...]. O capital científico é uma forma, é uma espécie particular do capital simbólico (fundado em atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico (BOURDIEU, 2004b, p. 26).

Esse reconhecimento de que fala Bourdieu foi atestado ao longo da pesquisa de doutorado de Oliveira (2018), na qual realizou-se análise de conteúdo em publicações destinadas a professores, particularmente em bibliografia didática, na área de licenciatura em Geografia, em universidades e institutos federais, compreendido no período entre 1925 e 2014. Foram consultadas 51 instituições em todo o Brasil e aferidas 166 obras incorporadas

nos acervos. Nesse sentido, o texto apresenta, inicialmente, a discussão sobre a Geografia Escolar e o papel dos livros de ensino para professores em formação, pois um dos instrumentos de difusão das ideias que nascem no interior do campo são as publicações que, nesse caso, traduzem um perfil esperado de professor de Geografia, seja relativo à concepção de Ciência Geográfica ou de Educação.

Em seguida, procuramos abordar a dispersão das produções bibliográficas pelo território nacional, o que atesta o papel dos intelectuais no interior do campo, justificado pela inserção dos livros de ensino como referência em cursos de Licenciatura em Geografia. Finalmente, apontamos argumentos que corroboram a defesa da Geografia escolar como subcampo da Ciência Geográfica e indicamos aspectos a que estão sendo estudados em pesquisa que se encontra em curso.

### **O papel dos livros de ensino na formação docente em Geografia**

Os impressos sempre tiveram um importante papel na difusão de ideias para professores. Exemplo disso são as revistas produzidas pelas associações de professores, principalmente a partir dos anos 1920, no Brasil. Através delas podiam-se apresentar programas, propostas pedagógicas, como também notícias acerca da profissão (BITTENCOURT, 1993; OLIVEIRA, 2018). Os manuais pedagógicos, constituintes desse *corpus* de impressos assumem, a partir da escola de massas, importante papel na difusão dos modos de ensinar para professores, considerados indispensáveis ao exercício profissional (SILVA, 2005).

Em sua pesquisa de doutorado, Silva (2005) observou que as obras didáticas, destinadas a professores apresentavam “determinadas ideias e procedimentos na realização de exercícios e atividades que produzem elementos de uma cultura escolar determinada que propagavam uma cultura pedagógica acerca de um modelo de atuação profissional docente” (OLIVEIRA, 2018, p. 33).

Os livros de ensino de Geografia podem ser associados a livros escolares, pois sua composição curricular encontra-se ancorada no campo da Educação, da Didática e da Ciência Geográfica (campo científico de origem) e indicam uma orientação para a prática do “bem ensinar”, como coloca Chartier (1994). Essas obras traduzem, ainda, a posição social de seus autores no campo e suas defesas no debate educacional, tais como “democratização do acesso, cidadania, gênero, inclusão, conflitos ambiental e agrário, dentre outras) e a vinculação

institucional dos(as) mesmo(as) com instituições de Ensino Superior” (BOURDIEU, 2004a, 2004b).

Esse posicionamento se manifesta através do “reconhecimento dos pares”, quando são convidados para proferir conferências temáticas, participar de conselhos e câmaras de órgãos de fomento à pesquisa, compor bancas de concursos, de editais e, ao utilizarem a produção desses pesquisadores, como referência bibliográfica de suas disciplinas.

Conforme Oliveira (2018, p. 34) afirma:

Isso faz com que essas obras tenham uma trajetória editorial particular, na qual o reconhecimento conferido aos(às) seus(as) autores(as), no âmbito da pesquisa acadêmica na área do ensino (que pode se dar associado a outras formas de atuação política, particularmente no campo educacional), passe a ter um grau de relevância não desprezível – o que, em princípio, confere, a essas obras relativa, autonomia no que diz respeito às perspectivas curriculares oficialmente estabelecidas.

Dessa forma, torna-se necessário, ainda, considerar que tais materiais não são utilizados de modo exclusivo, como única fonte para as disciplinas, pois outros textos acadêmicos são adotados, tais como teses, dissertações, artigos científicos, entre outros. Assim, os livros de ensino podem ser tratados como “artefatos culturais diretamente associados à existência de uma indústria que mobiliza um mercado no qual atuam” diferentes atores que têm como foco a Educação (OLIVEIRA, 2018, p. 34). São autores, editores, distribuidores, IES, leitores-consumidores e o Estado, como definidor de políticas para a formação de professores.

Ao adotar como objeto de estudo livros escolares destinados à formação inicial docente em Geografia passa-se a assumir os riscos de condução de análise de um material “extremamente complexo”, como nos indica Chopin (2002). Descrevendo a complexidade desse objeto de estudo para os historiadores, Chopin ressalta o fato de se tratar de um objeto cultural que, inscrito na ordem material, “participa do universo cultural e sobressai-se, da mesma forma que a bandeira ou a moeda, na esfera do simbólico” (CHOPPIN, 2002, p. 14). Frente à riqueza e às possibilidades abertas à análise dos livros escolares, o texto aqui apresentado toma-os em exame como uma literatura produzida, a fim de subsidiar uma formação profissional específica que ocorre mediante um processo de ensino-aprendizagem estabelecido. Entretanto, pontua uma diferença em relação a outras produções acadêmicas no campo da Geografia que elegem o livro didático (utilizado pelo professor de escola básica em sua prática pedagógica) como objeto de estudos.

Apesar das similitudes existentes decorrentes da natureza do objeto de estudo e das possibilidades de operar com a elucidação de questões relativas ao âmbito disciplinar, a ênfase aqui proposta recai sobre situação de formação escolar específica, relacionada à formação inicial docente em cursos de graduação em Geografia. Portanto, é marcadamente influenciada pelas questões próprias ao processo educacional ao qual está referida e às tensões internas ao campo intelectual no qual se situa. Produzir livros para professores de Geografia significa passar pelo crivo de comitês compostos por outros geógrafos que, na condição de editores, decidem o que é ou não válido para ser publicado. Ou seja, estão sujeitos às regras do campo mais do que às regras do mercado. Além desses aspectos, devem ser ressaltadas as condições particulares que envolvem a produção, distribuição e consumo desses livros, distintas daquelas que permitem a produção, distribuição e consumo de livros didáticos destinados à Educação Básica

Aqui, tomam-se como referência os trabalhos de Chartier (1990a, 1990b), pesquisador que, ao estudar os hábitos de leitura dos franceses entre os séculos XIV e XVIII, aborda a cultura da escrita e da leitura sob a perspectiva das práticas culturais. A nós, interessa sua reflexão sobre esse objeto que, segundo ele, dita uma ordem, pois “[o] livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação” (CHARTIER, 2010, p. 8).

Os livros ditam uma ordem na medida em que apontam: i) necessidade de ordenamento do mundo escrito; ii) prescrição (necessidade de controlar a compreensão) *versus* leitura (rebelde e vadia), sendo que os artifícios utilizados pelo leitor são infinitos para subverter essa ordem. Portanto, uma ordem no interior da qual ele deve ser compreendido, ou a ordem desejada pela autoridade que o encomendou, ou permitiu sua publicação. “Certamente, os criadores ou os *experts* sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce” (CHARTIER, 2010, p. 9).

É importante destacar que, neste contexto, a formação docente em Geografia inicia uma trajetória que, até a década de 1960, se confunde com o próprio processo de consolidação do campo intelectual de referência – que se estrutura em torno dos cursos criados junto às Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, de órgãos governamentais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (criado em 1937) e o Conselho Nacional de Geografia (criado em 1938) e da Associação de Geógrafos do Brasil (criada em 1934).

O projeto editorial dessas obras, em princípio, apresenta um foco mais amplo associado à posição que seus(as) autores(as) ocupam na interface entre o campo científico de origem (demarcado pelas fronteiras do conhecimento geográfico) e o campo educacional (cuja entrada se dá a partir do ensino da Geografia). Isso ocorre dadas certas condições, tais como o engajamento dessa produção frente a questões sociais mobilizadoras do debate educacional (democratização do acesso, cidadania, gênero, inclusão, conflitos ambiental e agrário, dentre outras) e à vinculação institucional dos(as) mesmo(as) com instituições de ensino superior (BOURDIEU, 2004a, 2004b). Isso faz com que essas obras tenham uma trajetória editorial particular, na qual o reconhecimento conferido aos(as) seus(as) autores(as), no âmbito da pesquisa acadêmica na área do ensino (que pode se dar associado a outras formas de atuação política, particularmente no campo educacional) passa a ter um grau de relevância não desprezível – o que, em princípio, confere, a essas obras, relativa autonomia em relação a perspectivas curriculares oficialmente estabelecidas.

Assim, outro aspecto distintivo em relação aos manuais pedagógicos diz respeito ao fato de que essas obras, mesmo sendo referenciais, podem vir associadas, nos planos de ensino, a outros gêneros de texto acadêmico (teses, dissertações, artigos publicados em periódicos especializados), não consistindo, necessariamente, na principal ou única referência bibliográfica disponibilizada ao licenciando. Portanto, se, assim como os manuais pedagógicos, tais obras podem ser tratadas como artefatos culturais, diretamente associados à existência de uma indústria que mobiliza um mercado no qual atuam atores diversos (editores, autores, instituições de ensino superior, distribuidores, leitores-consumidores e o próprio Estado, a prescrever parâmetros que regem a formação docente) e que tem a temática educacional como foco, não é possível desconsiderar certas especificidades relacionadas ao âmbito acadêmico que lhes informam.

### **Livros de ensino para professores de Geografia no Brasil- (1990-2009)**

Os livros didáticos têm sido alvo de inúmeras pesquisas no campo da Geografia Escolar, contudo, a maior parte dos trabalhos publicados que envolvem materiais didáticos, particularmente em relação aos livros de ensino de Geografia, têm como foco a Educação Básica. Com efeito, nos deparamos com a publicação de Albuquerque (2011), que analisa as orientações escolanovistas presentes em obras destinadas a professores da Educação Básica, na contramão dessa tendência, porém, ainda são poucos os trabalhos com essa preocupação.

Oliveira (2018), afirma, a partir de Bello (2008), a importância dessas publicações no mercado editorial brasileiro:

os livros didáticos são: i) uma alternativa para a autonomização do escritor brasileiro; ii) maior parte da produção editorial brasileira; iii) “principal objeto em torno do qual se organizam as práticas de leitura”; iv) a pesquisa historiográfica põs “atenção por livros e textos desvalorizados pelos cultores do livro antigo e pelos cânones literários e, também a objetos escritos que não são livros” (BELLO, 2008, p. 94).

Seguindo outra direção, El Far (2006), aponta que a produção destinada à formação de professores, deve-se, em grande medida, à ampliação da rede de editoras universitárias, pois elas passam a publicar títulos que não teriam acesso fácil em editoras comerciais, em função do conteúdo especializado. Esse movimento pode ser percebido, particularmente, a partir da década de 1960 (OLIVEIRA, 2018).

Ao mesmo tempo, a partir da década de 1990, observa-se o aumento das pesquisas relacionadas ao ensino, tanto para dar respostas aos problemas cotidianos da escola, como para atender a demandas de políticas públicas destinadas à formação docente, em que se pode citar, como exemplo, a criação do Programa Nacional do Livro Didático Biblioteca da Escola (PNBE do Professor 2013), (BRASIL, 2013). Apesar de descontinuado, a proposta do edital era proporcionar apoio pedagógico aos professores, tendo como finalidade uma formação em serviço.

Com o aumento crescente da demanda por esse tipo de obra, as editoras comerciais iniciaram a contratação de equipes, cujo objetivo era abastecer esse mercado potencialmente pujante. Além disso,

Um aspecto observado nesse período foi a ampliação das publicações originadas de congressos que discutem a formação de professores como, por exemplo, o encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE)<sup>2</sup>, cujo formato passa a constituir-se não mais como anais, mas assume o caráter de livro<sup>3</sup> (OLIVEIRA, 2018, p. 28).

Nessa perspectiva, assistimos à ampliação de pesquisas voltadas ao ensino de Geografia e fortalecimento das linhas destas em diversos programas de pós-graduação. Dos estudos dos grupos de pesquisa saem uma profusão de publicações que podem ser identificadas como publicações relativas à pesquisa, ao ensino e à extensão (BUIIONI, 2014; CAVALCANTI, 2016; CALLAI *et al.*, 2017; RAFAEL, 2019) Além dessas, existem ainda aquelas produzidas por professores universitários que, na necessidade de se adaptarem às novas exigências profissionais, ligadas à publicação, passam a apresentar seus trabalhos

---

<sup>2</sup> O Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino.

<sup>3</sup> Diferenciação entre os dois tipos de publicações.

privilegiando essa formatação. Tais características desse tipo de publicação têm a importante contribuição das editoras universitárias.

Eis, então, alguns aspectos que possibilitaram a ampliação de livros destinados aos professores em formação, cujo principal objetivo seria o de explicitar o que é necessário para atuar em uma sala de aula abordando o conhecimento geográfico, mas não de uma forma prescritiva e sim construindo o que denominamos de produção de uma epistemologia para o ensino de Geografia.

Afinal, quem é a pessoa que escreve? Qual o lugar que ela ocupa no sistema social? Isso é parte da compreensão que se busca sobre determinado texto. O autor escreve para alguém com alguma finalidade e, nesse caso, está relacionada a um discurso relativo à formação de professores de Geografia, mais especificamente, aos modos de ensinar os conteúdos de uma disciplina.

Dessa forma, o destaque dado a esses autores ocorreu a partir do recorte de ocorrência em instituições que formam professores de Geografia. Assim, sua relevância é atestada quando são colocadas as referências de leitura para os profissionais em formação, afinal a eles são dados voz e ouvidos, pois possuem a autoridade para dizer o que é considerado conhecimento legítimo num determinado assunto.

Não se descarta aqui o papel desempenhado pelo aparato que permite a circulação de suas ideias. Todavia, a compreensão é de que essa circulação só é possível graças a esse *status* conquistado através de outros mecanismos como o reconhecimento dos pares, por exemplo. Esses autores possuem um capital simbólico que os colocam nessa posição de destaque (BOURDIEU, 2004b) e, no caso dos autores da área de ensino de Geografia, isso pode ser observado, também, a partir de sua inserção na defesa da Geografia escolar como conhecimento específico, diferente da Geografia acadêmica (OLIVEIRA, 2018). Portanto, esse conhecimento é produzido tendo raízes diversas, para além daquele produzido pela ciência de referência. Ele conta com conhecimentos da didática, pedagógicos, bem como com os saberes produzidos no cotidiano, relacionados ao contexto espacial e aos sujeitos que interagem nesse mesmo espaço.

A confirmação da constituição de um campo tem referência com a difusão de ideias de seus representantes, o que pode ser aqui constatado a partir do levantamento das obras destinadas aos professores de Geografia pelo território brasileiro.

Figura 1 - Conjunto de Mapas 1: fluxo de ideias difundidas pelos livros de ensino de Geografia no Brasil (1990)<sup>4</sup>

a)



b)



<sup>4</sup> Os mapas foram produzidos a partir da localização das editoras que publicaram as obras mais difundidas nas IFES, conforme quadros 1 e 2.



Fonte: OLIVEIRA, 2018

Os mapas de fluxos procuram demonstrar a direção de destino das obras de maior ocorrência em instituições de Ensino Superior que formavam professores de Geografia, na década de 1990. A região Centro-sul representa o difusor dessas obras, sendo que a capital de São Paulo é a responsável pelo maior número delas, e o Rio Grande do Sul aparece em seguida. Neles, é possível observar, também, a presença marcante do interior paulista e Santa Catarina com expressiva produção.

Nessa perspectiva, as editoras de Santa Catarina levam suas obras ao Sudeste, à Bahia e a Goiás. Já o interior de São Paulo ultrapassa essa barreira ao atingir vários estados do Nordeste, alcançando ainda a região Norte do país. A produção oriunda do Rio Grande do Sul chega a vários estados e a todas as regiões. No entanto, a capital São Paulo reflete sua infraestrutura industrial, pois conta com importante parque editorial, além de possuir centros de produção acadêmica. Dessa forma, o que se produz nessa cidade chega, de forma robusta, a todas as regiões.

Importante ressaltar que, nos anos de 1990, ocorre uma efervescência na criação de cursos de pós-graduação em Geografia com a inserção de várias pesquisas voltadas para a problematização da Geografia escolar, tal como apontado por Cavalcanti (2016, p. 405).

Assim, nas décadas de 1990 e de 2000, consolidou-se a área de pesquisa no ensino, na graduação, na pós-graduação e em rede com professores da escola básica. Essa área ganhou espaço acadêmico, profundidade teórica, amplitude temática. A pesquisa passou a focar temas diversificados e a sugerir abordagens.

Essa produção constitui o movimento por uma epistemologia do ensino de Geografia, pois, diferentemente das décadas anteriores, cujas obras para professores eram realizadas por pesquisadores que não tinham o ensino como fonte de pesquisa (CAVALCANTI, 2016), essa nova geração bebeu da fonte crítica (durante sua formação), porém seu foco passa a ser o ensino de Geografia. A discussão empreendida por esse grupo ultrapassa o caráter prescritivo das produções anteriores, observando-se a busca pela compreensão dos processos de ensino, a partir de orientações diversas.

Quadro 1 - Livros de Ensino para professores de Geografia no Brasil na década 1990

AUTOR/ TÍTULO	ANO DE PUBLICAÇÃO	LOCALIZAÇÃO DAS OBRAS
ALMEIDA, Rosângela Doin de. <i>O espaço geográfico: ensino e representação</i> . São Paulo: Contexto. 90p. Repensando o ensino	15 ed. 2011; 2002; 13 ed. 2004; 4 ed. 1992.	UFV, UFG, UFMT, UFPEL, UNIFAL, UFCEG, UFGD, UFAM, UFPB, UFOPA, UFU, UFES, UFMG, IFF
PENTEADO, Heloisa Dupas. <i>Metodologia do ensino de história e geografia</i> . São Paulo: Cortez. 256p., 187p.	4 ed. 2011; 3 ed. 2010; 1991.	UFAL, UNB, UFPEL, UFPE, UFPB, UFOPA, UFG, UFRGN, UFTM, UFBA, UFU, UFSE, UFRR, UFES, UFRJ, UFCE, UFAM, UFPA, UFT, UFMA, UFGD, UFAC, IFBA, IFF, IFRN, IFPE
CARLOS, Ana Fani Alessandri; DAMIANI, Amélia Luisa. <i>A geografia na sala de aula</i> . São Paulo: Contexto. 144p.	1ª ed. 1999, ed, 2006	UNILA, UFPE, UFPB, UFPA, UFOPA, UFG, UFF, UFAL, UFU, UFTM, UFSE, UFRR, UFES, UFGD, IFPE, UFSM
CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. <i>Geografia em sala de aula: práticas e reflexões</i> . Porto Alegre: Editora da UFRGS, Associação dos Geógrafos Brasileiros. 199p.	5 ed. 2010; 4 ed. 2003; 1998.	UFU, UFG, UFPEL, UNIFAL, UFGD, UFAL, UFV, UFPA, UFOPA, UFTM, UFSE, IFF, IFRN
CAVALCANTI, Lana de Souza. <i>Geografia, escola e construção de conhecimentos</i> . Campinas: Papirus. 192p. Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico.	1998; 9 ed. 2006; 2010; 18 ed. 2011.	UFAL, UFMG, UFMA, UFRN, UFSE, UFTM, UFU, UFOPA, UFPB, UFAP, UNIFAL, UFPE, UFG, UFSJ, UFRGN, UFCEG

Fonte: Dados da pesquisa. Adaptação de Oliveira (2018). Organização: JRO (2021).

Ao realizar estudo sobre o mercado editorial brasileiro, a partir do grupo Abril, Silva (2014) observou uma tendência na formação de grandes conglomerados de mídia, que ocorrem por incorporação e fusão de editoras e redes de livrarias, em detrimento de empresas familiares, que caracterizavam a indústria gráfica brasileira, como consequência do processo de mundialização da economia. Essa tendência que indica que o Brasil tem sido alvo de interesse de grandes grupos, particularmente, no que se refere ao mercado de livros didáticos (CASSIANO, 2005; MUNIZ JR. 2010; SILVA, 2014).

Observou-se, no referido período, o crescimento das publicações pelas editoras universitárias. Essas são aqui compreendidas como “[...] órgãos vinculados a uma instituição de Ensino Superior, que selecionam, produzem e divulgam livros, periódicos e outras mídias, em suportes de diversas naturezas” (BUFREM; FREITAS, 2017, p. 5).

No outro extremo desse processo verificou-se, de igual modo, a ampliação de publicações em editoras que trabalham a partir das demandas dos autores. Esse aspecto foi observado também por Beccera (2003) *apud* Muniz Jr. (2010), que identificou a mesma característica no mercado editorial argentino.

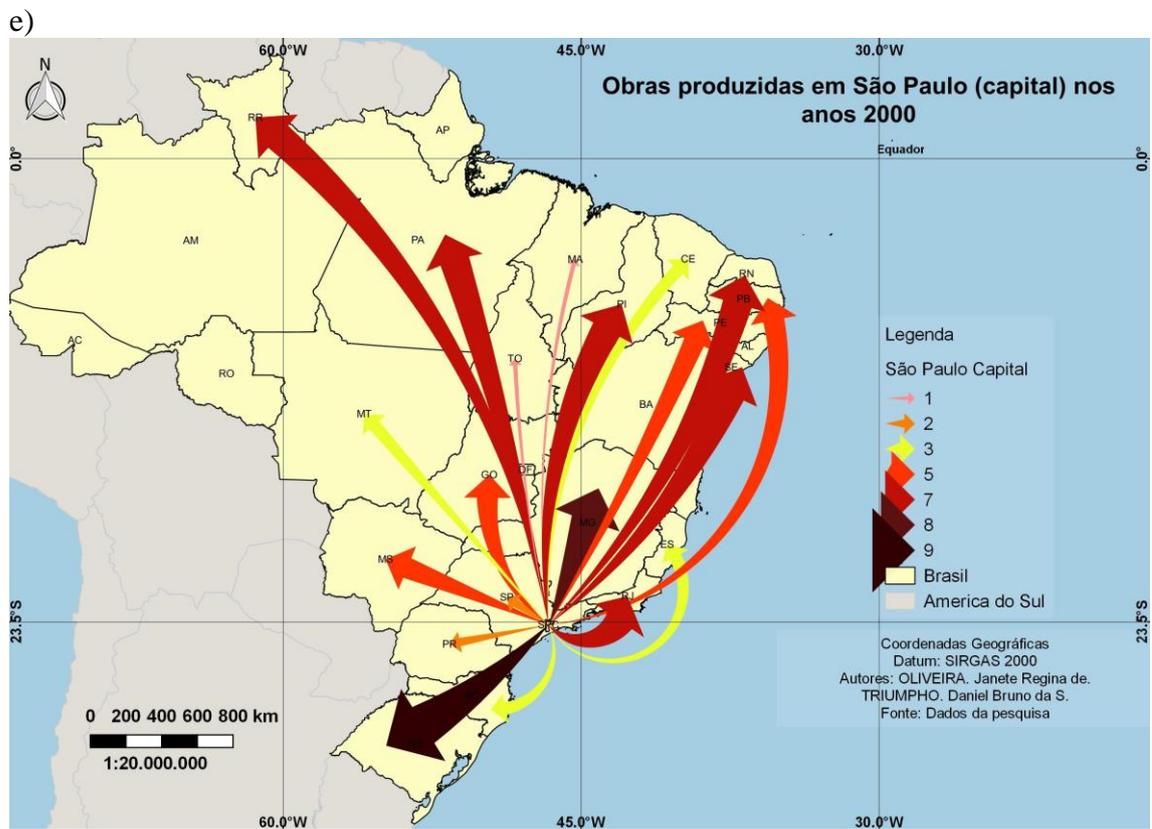
Desse modo, por não possuírem a infraestrutura das grandes empresas para distribuição e acesso ao mercado consumidor, tais editoras não precisam assumir os riscos inerentes à atividade, uma vez que toda a responsabilidade sobre o sucesso ou insucesso da empreitada recai sobre o autor. Infere-se que a disputa no interior da área, dada a facilidade de publicar através de empresas que têm maior acesso ao público, depende do capital acumulado por cada um desses personagens. Nesse sentido, como visto anteriormente, os autores de maior circulação são aqueles que também estão em posição de destaque e de reconhecimento por seus pares, visualizados, portanto, a partir de sua participação nas várias instâncias de elaboração de políticas, na presença de comitês de avaliações, nos órgãos de fomento e de periódicos científicos.

Nos mapas que seguem, é possível identificar a origem e o destino do que foi produzido na década de 2000.

Figura 2 - Conjunto de Mapas 2: fluxo de ideias difundidas pelos livros de ensino de Geografia no Brasil (década de 2000)









Fonte: OLIVEIRA, 2018.

A partir do conjunto de mapas presentes na Figura 2, é possível verificar que, nos anos 2000 os centros de difusão da produção sobre o ensino cresceram, o que entendemos ser um reflexo da ampliação da discussão e consequente produção sobre o ensino de Geografia, decorrente do fortalecimento da área e crescimento dos cursos de pós-graduação que têm no ensino novas linhas de pesquisa<sup>5</sup>. Apesar de a cidade de São Paulo ainda se configurar como principal centro difusor de livros, ainda assim, os outros locais identificados nesse estudo têm ampliado o volume de publicações que atendem instituições que possuem cursos de licenciatura em Geografia.

Quadro 2 - Livros de Ensino para professores de Geografia no Brasil na década de 2000

AUTOR/ TÍTULO	ANO DE PUBLICAÇÃO	LOCAL DE OCORRÊNCIA
CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. <i>Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio</i> . Porto Alegre: Artmed.152p.	2007	UFBA, UFPA, UFOPA, UFV, UFPE, UFG, UFFS, UFRJ, UFCE, UFAM, UFOBA, UFGD, IFRN, IFF

<sup>5</sup> Cavalcanti (2016) assinala que até 2015 existiam 17 linhas sobre ensino nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil.

STRAFORINI, Rafael. <i>Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais</i> . São Paulo: Annablume. 188p.	2 ed. 2006; 2004; 2008.	UFAL, UFG, UFPEL, UNIFAL, UFCE, UFPR, UFPA, UFOPA, UFRGN, UFTM, UFSE, UFRR, UFMG, IFF, IFMG, IFRN
CASTELLAR, Sônia. <i>Educação geográfica: teorias e práticas docentes</i> . São Paulo: Contexto. 167p.	3 ed. 2012; 2005; 2 ed. 2007.	UFV, UFG, UFMT, UFPE, UFPEL, UFSCAR, UFSM, UNIFAL, UFGD, UFES, UFRGN, UFOPA, UFSJ, UFTM, UFSE, UFMG, IFMG, IFRN
CAVALCANTI, Lana de Souza. <i>A geografia escolar e a cidade: ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana</i> . Campinas: Papyrus. 190p.	1ª ed. 2008; 3 ed. 2012.	UFSCAR, UFMG, UFCG, UFRJ, UFSJ, UFSE, UFTM, UFU, UFBA, UFJF, UFOPA, UFPA, UFPE, UFV, UNIFAL, UFG, UFU, UFRR, UFRRJ
PASSINI, Elza Yazuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. <i>Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado</i> . São Paulo: Contexto. 224p.	2 ed. 2011; 2010; 2007; 2013.	UFAL, UFV, UFSM, UFBA, UFFS, UFPE, UFRGS, UFPB, UFMT, UFJF, UFSJ, UFTM, UFU, UFT, UFSE, UFRR, UFES, UFRJ, UFCE, UFMG, UFOBA, UFGD, UFMS, IFF, IFMG
CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. <i>Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano</i> . 172p.	2.000; 11 ed. 2014; 9 ed. 2010; 5 ed. 2006.	UFRGS, UFU, UFAL, UFG, UFJF, UFMT, UFPEL, UFSM, UNIFAL, UFAC, UFGD, UFPA, UFPI, UFRJ, UFTM, UFPR, UFOPA, UFRGN, UFSE, UFRR, UFMG, IFRN, UFRRJ
PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino. <i>Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa</i> . São Paulo: Contexto. 383p.	4 ed. 2012; 3 ed.; 1ª ed. 2002; 2010, 2013	UFPA, UFPEL, UFCG, UFMG, UFRJ, UFRGN, UFRR, UFSJ, UFTM, UFU, UFMT, UFV, UNIFAL, UFGD, UFAM, UFPB, UFOPA, UFG, UFRGN, UFBA, IFMG, IFRN, UFRRJ, IFPE
KIMURA, Shoko. <i>Geografia no ensino básico: questões e propostas</i> . São Paulo: Contexto. 217p.	2008; 2011; 2014;	UFAM, UFCE, UFJR, UFTM, UFPR, UFPEL, UFOPA, UFG, UFFS, UFSJ, UFRGN, UFBA, UFU, UFSE, UFRR, UFRJ, UFMG, IFRN, UFRRJ
VESENTINI, José Willian. <i>O ensino da geografia no século XXI</i> . Campinas: Papyrus. 288p.	7 ed. 2011; 5 ed. 2010; 2004; 2 ed. 2005; 6 ed. 2004. 1ª ed.	UFAL, UNB, UFSCAR, UFPB, UFRGN, UFPR, UFMT, UFG, UFF, UFCE, UFMG, UFU, UFPE, UFTM, UFSE, UFMS

<p>PONTUSCHKA, Nídia Nacib;                  PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE,                  Nuria Hanglei. <i>Para ensinar e aprender                  geografia</i>. São Paulo: Cortez. 383p.</p>	<p>2007; 3 ed. 2009; 2007,                  2009</p>	<p>UFVJM, UFV, UFSM,                  UFSCAR, UFRG, UFOBA,                  UFF, UFG, UFRN, UFAL,                  UFBA, UFPB, UFPE,                  UFFS, ACRE, UFCG,                  UFMS, UFMG, UFRN,                  RORAIMA, UFSJ, UFSE,                  UFTM, UBERLÂNDIA,                  UFMT, UFOPA, UFRGN,                  UFRJ, IFMG, IFRN,                  UFRRJ</p>
--	--	--

Fonte: Dados da pesquisa. Adaptação de Oliveira (2018). Organização: JRO (2021).

Como pode ser observado nos quadros 1 e 2, ao comparar a produção de livros de ensino para professores entre as décadas de 1990 (5 obras) e 2000 (10 obras), houve aumento em 100% quando se considera aquelas que chegam a mais de 15 instituições de ensino no Brasil. Esse fato corrobora a ideia inicial da afirmação do Ensino de Geografia, ou Geografia Escolar, com independência, pois, ao se observar os autores principais, apenas José William Vesentini mantém seu foco de pesquisa centrado na Geografia Política. Todas e todos os demais atuam diretamente na formação de professores e suas pesquisas são direcionadas a esse segmento. Além disso, essas e esses autores mantêm ação política, junto às associações de classe, defendendo os interesses profissionais por um lado e, por outro, atuando nos cursos de pós-graduação, em que são responsáveis pela produção de pesquisa que, muitas vezes, será utilizada na orientação de políticas públicas. Em seu trabalho, Oliveira (2018),<sup>6</sup> pode verificar o engajamento desses autores e autoras em vários comitês de órgãos de fomento e comitês científicos de periódicos de área, bem como na organização de eventos relevantes sobre o Ensino, tais como o Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia (ENPEG), o Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE), o Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE) e outros.

### Considerações finais

Procuramos, neste trabalho, trazer argumentos que corroboram a identificação da Geografia escolar como campo científico ou subcampo da Geografia utilizando, para isso, o reconhecimento que os pares dos autores atestam a partir da incorporação de determinadas obras como referências em cursos de Licenciatura em Geografia. Dentre aquelas identificadas nas 51 instituições federais<sup>6</sup> de ensino, selecionamos as publicadas entre o período de 1990 e 2009, considerado como o momento de inflexão na produção de uma epistemologia sobre a

<sup>6</sup> Como afirmado na introdução, foram consultadas 51 instituições em todo o Brasil e aferidas 166 obras incorporadas nos acervos.

Geografia Escolar. Esse fato é ressaltado pela relação entre a pesquisa e a produção de obras específicas para a formação docente em Geografia.

Esclarecemos, também, que foram apresentadas obras encontradas em mais de 15 instituições. Tal critério foi adotado por se tratar de uma longa lista que incluía número expressivo de obras localizadas em apenas uma instituição e publicadas por editoras pequenas, às vezes pelo próprio autor, cuja impressão se dava em gráficas de pequeno porte. Outra questão refere-se ao interesse desta pesquisa em identificar concepções que apontem para uma tendência que pudesse ser espacializada. Essa espacialização intenciona verificar a difusão dessas concepções pelo território nacional, como ideias que “viajam” e difundem os “modos de ensinar” intrínsecos a uma determinada noção ou conceito de Geografia escolar e de Ciência Geográfica.

Os livros compreendidos como artefatos que estão presentes nos cursos de licenciatura determinam uma ordem (CHARTIER, 1994) à arte do bem ensinar e são portadores de um discurso que reverbera concepções teóricas, metodológicas e curriculares constituindo, portanto, fonte importante para identificação de ideias tidas como válidas num determinado contexto.

A validade ou não dessas ideias só pode ser atestada por pessoas que possuem autoridade conferida pelo campo (BOURDIEU, 2004b). E tais autores se constituem enquanto autoridade por possuírem um capital simbólico conquistado por sua produção intelectual, sua trajetória profissional ligada ao ensino, sua participação no movimento de consolidação e defesa da Geografia escolar, independentemente de sua filiação teórica.

Nesse sentido, essas orientações irão aparecer em livros destinados aos professores em formação, comportam elementos das políticas curriculares (normatizações), do contexto socioespacial (questão rural/urbano), das discussões em torno da Ciência Geográfica, da Didática e da Pedagogia que, em última instância, constitui o cerne da Geografia escolar.

Sob essa lente, os livros apresentam uma forma ideal de se realizar o ensino, ao discutirem os conteúdos que devem ser abordados e o modo como tais conteúdos devem aparecer na prática docente. Portanto, essas orientações presentes nos livros não podem ser desassociadas dos sujeitos autores, grupo que é constituído por pessoas que tiveram e têm papel de destaque na produção intelectual sobre o ensino e, também, reconhecida relevância atestada por seus pares (participação em comitês científicos de órgãos de fomento e de periódicos científicos), ou como participantes do movimento pela defesa da escola e do ensino (Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - ANPEGE, Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em

Educação- ANPED) e, principalmente, pela sua trajetória profissional ligada ao ensino na Educação Básica (como professores ou formadores de professores).

Essa característica, que apresenta o lugar ocupado pelos autores, confere um capital simbólico que fortalece seu discurso de maneira perene, pois, diferentemente dos livros escolares destinados aos alunos da Educação Básica, que são efêmeros, esses se tornam referência em determinados contextos para serem utilizados após o fim do curso de Licenciatura, na ação docente cotidiana. E, como dito pela professora Nídia Nacib Pontuschka (2016), “a Geografia chega até a sociedade a partir da escola”<sup>7</sup>, e a escola está cada vez mais se fazendo presente, na afirmação de seu lugar como produtora de conhecimento, validada pelas pesquisas.

## Referências

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Dois momentos na história da geografia escolar: a geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 19-51, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/29/31>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BELLO, André. *História, livro e leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. 1993. 383f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim, revisão Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004b.

BRASIL. Ministério da Educação. *Portaria nº 42, de 21 de agosto de 2013*. Brasília: Secretaria da Educação Básica. Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE DO PROFESSOR 2013.

BUFREM, Leilah S. e FREITAS, Juliana L. Editoras universitárias e informação científica: repensando a editora na universidade. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 10, p. 20-10, 2017.

BUITONI, Marísia Margarida Santiago. Ensino de Geografia: a produção científica apresentada nos Espaços de Diálogos e Práticas da Associação dos Geógrafos Brasileiros (2008-2012). *Terra Livre*, ano 30, v. 1, n. 42, p. 47-82, 2014.

---

<sup>7</sup> Nota de orientação

CALLAI, Helena; CAVALCANTI, Lana; CASTELLAR, Sonia; SOUZA, Vanilton. O ensino de geografia nos trabalhos apresentados no XI ENANPEGE. *Revista da ANPEGE*. v. 12, n. 8, p. 43-55, 2017

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Reconfiguração do mercado editorial brasileiro de livros didáticos no início do século XXI: história das principais editoras e suas práticas comerciais. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 281-312, jul./dez. 2005.

CAVALCANTI, L. de S. Para onde estão indo as investigações sobre ensino de geografia no Brasil? Um olhar sobre elementos da pesquisa e do lugar que ela ocupa nesse campo. *Boletim Goiano de Geografia* (Online). Goiânia, v. 36, n. 3, p. 399-419, set./dez. 2016.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Mary del Priore (trad.). Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990a.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1990b.

CHOPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 30, p. 549-566, set./dez. 2002.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MUNIZ JUNIOR, José de Souza. *O grito dos pequenos: independência editorial e bibliodiversidade no Brasil e na Argentina*. São Paulo: Balão Editorial, 2010.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Política educacional e a re-estruturação do trabalho docente: reflexões sobre o contexto latino-americano. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 99, p. 355-375, mai./ago. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 dez. 2020.

OLIVEIRA, Janete Regina de. *A ordem do bem ensinar: a prática de ensino em livros para professores de Geografia em formação*. 2018. 172f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RAFAEL, P. H. de S. O ensino de geografia nos programas de pós graduação em geografia. In: ENANPEGE, 13, 2019, São Paulo. *Anais eletrônicos...* Disponível em: [http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1565035726\\_ARQUIVO\\_Enanpege.pdf](http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1565035726_ARQUIVO_Enanpege.pdf). Acesso em: 10 jun. 2021.

PONTUSCHKA, N.; OLIVEIRA, A. U. de. *Geografia em Perspectiva*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PORTARIA Nº 42, DE 21 DE AGOSTO DE 2013 Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE DO PROFESSOR 2013.

SILVA, Iara A. A conformação do mercado editorial brasileiro a partir das últimas décadas do século XX e anos iniciais do século XXI: o caso do grupo abril. *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n. 60, p. 78-94, dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/697/showToc>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SILVA, Vivian. B. da. *Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)*. 2005. 400f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

---

Janete Regina de Oliveira

Professora Adjunta do Departamento de Geografia- UFV. Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais.  
Endereço profissional: Avenida P.H. Rolfs, s/nº, Campus Universitário, Viçosa- MG/Brasil, CEP: 36.570-900. Edifício da GeoHistória  
E-mail: janete.oliveira@ufv.br

Vivian Batista da Silva

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Pós-Doutorado Sênior junto à Universidade Federal do Paraná. Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo, com período de Doutorado-Sanduiche junto à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (2004). Mestrado em Educação pela USP e graduação em Pedagogia pela mesma universidade.  
Endereço profissional: Av. da Universidade, 308, Cidade Universitária, CEP: 05508-040 - São Paulo, SP – Brasil.  
E-mail: vivianbs@yahoo.com

---

Recebido para publicação em 08 de abril de 2021.  
Aprovado para publicação em 21 de setembro de 2021.  
Publicado em 05 de outubro de 2021.